

# Espaços contestados e práticas rituais na Nagasaki da Idade Moderna: o festival de Suwa e a procissão do *Corpus Christi*<sup>1</sup>

## *Contested Spaces and Ritual Practices in Early Modern Nagasaki: The Suwa Festival and the Christian Procession of Corpus Christi*

DAVID RIVERA MOSQUERA

Universidade de Princeton

da.rivera10@uniandes.edu.co

<https://orcid.org/0009-0000-5883-5017>

Texto recebido em / Text submitted on: 06/05/2025

Texto aprovado em / Text approved on: 02/12/2025



**Resumo.** No começo do século XVII, em Nagasaki, as procissões religiosas convertem-se em uma ferramenta para impulsionar os interesses económicos e políticos das missões cristãs e do governo anticristão japonês. Neste artigo argumenta-se que a celebração xintoísta de Suwa recorre a estratégias de organização, controle e de articulação da população e do espaço quase idênticas às do *Corpus Christi*, mas utilizando-as para subverter os pressupostos ideológicos da celebração cristã. Na procissão do *Corpus Christi*, a organização da cidade em bairros, paróquias e instituições cristãs converge com formas de regulação social locais – desde as estruturas familiares até às da administração civil – para afirmar o triunfo da cristandade sobre as hierarquias humanas e o espaço urbano. No Suwa, estas formas locais de organização adaptam-se e mudam para impulsionar a ideia da restauração de uma ordem japonesa autóctone após a proibição do cristianismo, o que coloca aos marginalizados da cidade cristã no coração da celebração xintoísta.

**Palavras-chave.** Nagasaki, procissão do Corpus Christi, espaço urbano, missões em Japão, festival de Suwa.

**Abstract.** At the turn of the 17th century, in Nagasaki, religious processions become a tool to promote the economic and political interests of Christian missions and the anti-Christian Japanese government. In this article, I argue that the Shinto celebration of Suwa employs strategies that are almost identical to those of *Corpus Christi* to organize, control, and articulate the city's population and space, but with the goal of subverting the ideological bases of the Christian celebration. In the *Corpus* procession, the organization of the city into neighborhoods, parishes, and Christian institutions converges with local forms of social regulation—from family structures to those of the civil administration—to af-

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste trabalho foi publicada em inglês sob o título “Re-signifying Ritual Practices in Early Modern Nagasaki: The Suwa Festival and the Christian Procession of Corpus Christi”, como parte do volume *The Routledge Companion to Race in Early Modern Artistic, Material and Visual Production* (2025).

firm the triumph of Christianity over human hierarchies and urban space. In the Suwa, these local forms of organization adapt to promote the idea of the restoration of a proper Japanese order after the prohibition of Christianity, which puts the marginalized of the Christian city right at the center of the Shinto celebration.

**Keywords.** Nagasaki, Corpus Christi procession, urban space, missions in Japan, Suwa festival.

## Introdução

Este artigo contribui para um vasto corpo de trabalho historiográfico que investiga a inter-relação entre a vida cotidiana e a prática religiosa cristã no Japão da Idade Moderna. Embora o desenvolvimento de organizações comunitárias em Nagasaki tenha sido estudado no passado, a inter-relação e convergência destas organizações nas procissões públicas da cidade é um assunto pouco trabalhado. Ainda menos estudada é a transição entre as procissões religiosas cristãs e as práticas xintoístas e budistas após a proibição do cristianismo. Reinier Hesselink (2016), João Oliveira Costa (2011) e Carla Tronu (2020, 2021) estudam o desenvolvimento de Nagasaki como cidade cristã e o estabelecimento de igrejas e organizações religiosas católicas, como confrarias, irmandades e Misericórdia. Bêbio Vieira Amaro (2022), por sua vez, recria as práticas processionais católicas no Japão da Idade Moderna, destacando a centralidade dos cemitérios cristãos nos percursos das procissões e no desenvolvimento do espaço urbano.

Carla Tronu (2021) e Nam-Lin Hur (2021) pesquisam o amplo alcance das políticas anticristãs, em Nagasaki e no resto do Japão, após 1614, com uma particular atenção à reorganização das comunidades locais em torno de templos budistas, sob um estrito sistema de certificação. Tronu (2021), em particular, demonstra como o espaço sagrado cristão é ocupado e substituído por instituições budistas e xintoístas. De forma semelhante, Hesselink (2004) assinala a importância do festival de Suwa na Nagasaki pós-cristã e o protagonismo dos distritos de prostituição no desenvolvimento desta prática religiosa xintoísta.

Este trabalho põe em conversação a bibliografia mencionada para reconstruir as complexas redes de organização social e religiosa de Nagasaki. Seguindo o exemplo do trabalho de pesquisadores da história cultural da América Latina, como Caroline Dean (1999), Beatriz Catão Cruz Santos (2005), Lisa Voigt (2016) e Miguel Valerio (2022), entre outros, este artigo analisa o rol social e político da procissão cristã (e em particular do *Corpus Christi*) no

Japão da Idade Moderna, em paralelo com o imperialismo português e espanhol. Destaca ainda a agência das comunidades locais e do governo xogunal japonês na substituição das celebrações do período cristão, com a criação e o desenvolvimento do festival do santuário de Suwa.

De facto, na Nagasaki da primeira metade do século XVII, as procissões Católicas e Xintoístas tornam-se numa ferramenta fundamental para promover os interesses políticos e económicos das missões cristãs e do governo anticristão japonês. Ao articular diferentes estruturas administrativas e instituições laicas e religiosas, assim como hierarquias urbanas, a *performance* religiosa instrumentaliza os padrões de organização e interação locais, influenciando profundamente o desenvolvimento da vida na cidade. Antes da expulsão dos missionários europeus, em 1614, as práticas processionais cristãs, em Nagasaki, ocorrem em paralelo com o desenvolvimento das estruturas sociais locais e a criação duma infraestrutura religiosa urbana. Após a proibição do cristianismo, novas organizações e práticas budistas e xintoístas integram-se neste tecido social. Este artigo concentrar-se-á na procissão do *Corpus Christi* e na procissão do festival de Suwa, uma prática de influência xintoísta que substituiu a função do *Corpus* no período pós-cristão. Em defesa desta afirmação, neste artigo argumenta-se que o Suwa recorre a padrões quase idênticos de organização, articulação e controlo da população e do espaço que o *Corpus*, porém, fá-lo com o fim de subverter não só os objetivos ideológicos como também a mensagem religiosa, política e social da celebração cristã.

No *Corpus*, a divisão da cidade em bairros, confrarias e paróquias converge com as estruturas sociais e hierárquicas locais japonesas para organizar a população em torno da ideia duma hierarquia divina invisível, manifesta na procissão eucarística. No Suwa, estas infraestruturas locais de organização social adaptam-se à população em torno de uma prática ritual que, efetivamente, subverte a processão católica, representando a (re)instituição duma ordem social apercebida como propriamente japonesa, onde os marginalizados da era cristã ficam no coração da devoção religiosa. Começamos com uma introdução sobre Nagasaki como um importante porto que liga o Japão às amplas redes de comércio portuguesas e espanholas. Depois, introduzimos as práticas devocionais cristãs japonesas e a sua relação com as formas locais de organização social e política, como refletido na procissão do *Corpus*. Isto permitir-nos-á, então, assinalar como as práticas religiosas budistas e xintoístas, que substituíram o culto cristão na cidade, recorrem a formas de organização análogas às desenvolvidas no culto cristão, num momento de forte mudança na política local, o qual fica exemplificado na procissão do festival de Suwa.

## 1. Nagasaki da Idade Moderna

Por volta do século XVII, Nagasaki era um ponto de convergência das redes comerciais que percorriam o Oceano Índico, conectando Lisboa com Goa e Macau, assim como com o Oceano Pacífico, com a rota do Galeão de Manila, entre o México e as Ilhas Filipinas. Com uma localização estratégica numa baía do Noroeste da ilha de Kyushu, no começo do século, a cidade tinha-se tornado um ponto estratégico para conectar o Japão com o resto do mundo (em substituição de portos como Funai, na região de Bungo, no nordeste de Kyushu). Rapidamente, o comércio e a vida religiosa na cidade transformaram-se para estarem intimamente ligados, especialmente com a forte influência da ordem jesuíta, fundamental desde a fundação do porto, ao redor de 1570.

As ligações dos jesuítas com o comércio eram tão arraigadas que eles facilitavam a venda da seda e serviam nas negociações como representantes do Senado de Macau (GUNN 2018: 87). Este estado de coisas, por sua vez, permitiu que o poder no porto crescesse fortemente ligado à atividade das ordens religiosas e, em particular, da Companhia de Jesus, que até tomou posse da cidade de forma breve, entre 1580 e 1587<sup>2</sup>. E, mesmo após a Companhia ter perdido a posse direta do porto, a administração local continuou nas mãos de japoneses cristãos<sup>3</sup> (COSTA 2011: 53), logo a prática religiosa cristã continuou a dominar a cidade. Não em vão, em 1618, Martín Castaño, procurador-geral das Filipinas, descreve Nagasaki como uma cidade com “[...] tantos cristianos que se hacían las procesiones de disciplina la semana santa [...]” (AGI, F. 27 N. 107, ff. 642 v)<sup>4</sup>.

Assim, no final de 1614, a vida em Nagasaki, centrada nas riquezas provenientes do comércio, já tinha passado por um largo processo de articulação em torno da prática religiosa cristã, dirigida principalmente pelos jesuítas, mas também pelas ordens mendicantes, e por um corpo de sacerdotes diocesanos japoneses (TRONU 2020: 87). As igrejas, seminários e casas jesuítas não só estavam localizadas no coração comercial e político da cidade, perto

<sup>2</sup> Em 1580, o senhor Omura Sumitada (*Dom Bartolomeu* nas fontes jesuítas) deu aos jesuítas o controle da administração da justiça, o poder de executar criminosos, e a arrecadação de impostos da terra em Nagasaki, Mori e as terras circundantes (ALVAREZ-TALADRIZ 1954: 70-71). No entanto, sete anos depois, em 1587, com a conquista de Kyushu por Toyotomi Hideyoshi, esses poderes foram retirados, e em 1592 a cidade passou a ser administrada por funcionários locais sob a responsabilidade nominal do Xogum (ELISON 1973: 132; TRONU 2021: 53).

<sup>3</sup> Aqui, é notável o exemplo de Murayama Toan, o poderoso administrador (*daikan*) de Nagasaki, com jurisdição sobre as periferias (*sotomachi*) da cidade e quem autorizou tanto dominicanos quanto franciscanos a pregar e construir as suas igrejas.

<sup>4</sup> “... tantos cristãos que durante a Semana Santa eles até realizavam procissões de autoflagelação [...]”.

das docas que ligavam o Japão a Macau e à China continental, mas a Companhia também tinha poderosos aliados entre os administradores locais e os ricos comerciantes. Além disso, o calendário local seguia os feriados cristãos e, progressivamente, procissões e outros grandes eventos litúrgicos chegaram a afirmar a proeminência católica sobre a paisagem urbana. A devoção e a prática católica passaram a ser inseparáveis do poder económico, do domínio político e da influência sobre a administração local.

## 2. A infraestrutura social de Nagasaki

Esta convergência, fundamental para o desenvolvimento da celebração do *Corpus Christi*, manifesta-se na configuração de uma “infraestrutura cristã”: uma rede de igrejas, cemitérios, confrarias, e outros centros de culto que se articulam ao redor da prática processional. Esta “infraestrutura”, por sua vez, molda fundamentalmente o desenvolvimento da vida urbana em torno dos centros de culto, do porto e das sedes da administração local. Portanto, no momento da expulsão dos missionários europeus do Japão havia 13 igrejas católicas, em Nagasaki, sendo a maioria destas dos jesuítas em contraste com a nula presença de centros de culto budistas e xintoístas, desmantelados na década de 1570, como parte da política de conversões forçadas em massa do senhor local Omura Sumitada (TRONU 2021: 47-48)<sup>5</sup>. Mesmo franciscanos, agostinhos e dominicanos, fortemente antagonizados pelos jesuítas, adquiriram progressivamente mais e mais influência, podendo construir igrejas e hospitais nos distritos externos do perímetro urbano.

Com a progressiva consolidação dos mendicantes<sup>6</sup>, por volta de 1614, configurou-se um complexo sistema de organizações cristãs com uma forte relação de interdependência. Em linhas gerais, na cidade estavam as diferentes ordens religiosas; as estruturas da hierarquia diocesana (com um grande número de sacerdotes japoneses ordenados e um robusto sistema de

---

<sup>5</sup> Como Carla Tronu explora no seu trabalho, na altura da fundação de Nagasaki (originalmente uma pequena vila piscatória), a região adjacente não possuía muitos centros de culto xintoístas ou budistas, e os poucos que existiram foram destruídos nos primeiros anos da missão. O desenvolvimento da cidade ocorreu em paralelo com a criação de uma complexa infraestrutura de centros de culto cristãos. Esta tendência seria revertida após a expulsão dos cristãos, com a construção de múltiplos centros de culto budistas e com o santuário xintoísta de Suwa (TRONU 2021: 48).

<sup>6</sup> A construção das igrejas dos franciscanos (1609), dos dominicanos (1610), e dos agostinianos (1611) deu-se em rápida sucessão, acompanhada da construção de conventos, hospitais e confrarias (TRONU 2020: 87-88).

paróquias)<sup>7</sup>; e diferentes confrarias e outras associações piedosas, como as Misericórdias, (muitas vezes administradas autonomamente pelos fiéis e vinculadas às ordens, ou a comunidades, ou paróquias específicas) (TRONU 2020: 86-88). Além disso, as associações comunais que regulavam a devoção tinham uma relação estreita com as divisões sociais de Nagasaki. Por exemplo, enquanto a Misericórdia se reunia aos ricos comerciantes da cidade, uma comunidade, como a paróquia de São Lorenço, na periferia urbana, atendia a população migrante coreana (COSTA 2007: 77).

### 3. Convergência de estruturas sociais japonesas e cristãs

Adicionalmente, a proximidade entre as autoridades civis e religiosas teve como resultado a interpenetração entre estas estruturas comunais de devoção religiosa e formas locais de organização social japonesas. Em muitos sentidos, esta mistura ficou impressa na própria configuração urbana da cidade, onde a administração dos bairros (*machi*)<sup>8</sup> estava muitas vezes nas mãos de influentes comerciantes cristãos que favoreciam ou impunham diretamente certas práticas sociais e religiosas às pessoas sob a sua administração.

As atividades missionárias e a influência cristã passaram necessariamente por estas estruturas de organização comunitária e, em muitos casos, os líderes da administração local também ocupavam posições centrais em instituições de caráter religioso. O caso mais paradigmático era o da Misericórdia que não somente incluía ricos comerciantes, como já mencionado, como também tinha como membros os quatro representantes dos bairros da cidade que, por sua vez, tinham estreitas conexões com os jesuítas (TRONU 2021: 83)<sup>9</sup>.

A centralidade desta dinâmica de convergência nunca será suficiente-

---

<sup>7</sup> O Concílio de Trento estabeleceu as paróquias como unidades espaciais essenciais na organização dos fiéis com vista à administração dos sacramentos. Em Nagasaki, a divisão da cidade em áreas permitiu designar um sacerdote para cada igreja e desenvolver um sistema mais eficiente de cuidado pastoral das comunidades locais, assim como uma estrutura mais hierarquizada para a missão (TRONU 2021: 87). É importante assinalar que, apesar do bispo ser jesuíta, houve cuidado em manter diferenças entre a hierarquia diocesana e a hierarquia da Companhia de Jesus, como Oliveira e Costa explica em relação a Luís de Cerqueira (COSTA 2007).

<sup>8</sup> Além dos grandes movimentos políticos e dos interesses das figuras mais poderosas da cidade, a configuração do espaço e da vida quotidiana em torno de famílias (*ie*) cristianizadas, por sua vez organizadas em bairros (*machi*) liderados por chefes (*otona*), e articuladas em um amplo sistema de associações locais cristãs, teve como resultado que a conversão dos recém-chegados fosse muito mais fácil e organizada (HESSELINK 2009: 16).

<sup>9</sup> Como acontecia em outras cidades japonesas na Idade Moderna, desde a sua fundação, as estruturas sociais em Nagasaki estiveram articuladas em torno de famílias (*ie*) e bairros (*machi*) que constituíam as unidades mais simples e fundamentais de agrupação social (TRONU 2021: 83). Cada bairro tinha um “chefe” (*otona*) escolhido de entre as famílias mais influentes e ricas da comunidade. Por sua vez, de entre esses “chefes”, quatro *otona* eram selecionados para dirigir o governo da cidade e assumir a administração local (TRONU 2021: 83).

mente sublinhada. Se, no âmbito religioso, as igrejas, os santuários ou, como veremos, os marcadores, como as cruzes ou os caminhos processionais, se constituem como uma espécie de eixo de agregação e organização da prática religiosa, então poder-se-á argumentar que as redes de sociabilidade comunal na estrutura social do Japão moderno cumpriam a mesma função. Numa sociedade estritamente hierarquizada, nos moldes confucionistas, com a família xogunal no topo, e os comerciantes e as prostitutas no fundo, as comunidades locais funcionavam como as unidades principais para organizar a população, fosse ela rural ou urbana (WARD 2020: 176).

#### 4. A vida litúrgica de Nagasaki

Contudo, e especialmente no início do século XVII, é possível traçar o desenvolvimento de uma rica vida devocional num ambiente urbano fortemente dominado por organizações laicas (como as confrarias, as irmandades e a Misericórdia) e religiosas (como as ordens) sob uma forte égide católica, onde, além disso, “... the majority of [the] citizens [were taking] part actively in the Catholic liturgical calendar” (COSTA 2011: 48)<sup>10</sup>. A articulação de poderes e influências do mundo do comércio e da administração pública na prática religiosa, como já visto, resultou na multiplicação de procissões, cuja característica central era o luxo e a profusa utilização de objetos litúrgicos que transmitiam uma ideia de poder, *status*, fasto e prosperidade. Isto era verdade não somente para as ocasiões importantes ou para as festas centrais do calendário litúrgico, como para o *Corpus Christi*, numa realidade circunscrita unicamente às cidades ou portos comerciais como Nagasaki<sup>11</sup>.

Pelo contrário, a abundância destas procissões e a inclusão de elementos que apontavam à prosperidade da igreja católica e à influência local das missões elevou-se quase numa característica constitutiva da prática religiosa cristã no Japão (AMARO 2022: 515). Um exemplo claro são as procissões funerárias, onde, sem importar a condição económica do defunto, a preocupação pela grandiosidade, o luxo dos objetos litúrgicos e o alcance da mensagem religiosa eram centrais. Neste sentido, Vieira Amaro sustenta que esta ênfase na ostentação corresponde diretamente às crenças budistas locais (nas

<sup>10</sup> “... a maioria [dos] cidadãos [participavam] ativamente do calendário litúrgico católico”.

<sup>11</sup> Os trabalhos de Lisa Voigt (VOIGT 2016), Beatriz Catão Cruz Santos (SANTOS 2005), Caroline Dean (DEAN 1999), entre outros, assinalam a centralidade e profunda influência das festas e celebrações cristãs nos impérios Espanhol e Português da Idade Moderna com particular ênfase na inter-relação do comércio e a celebração religiosa.

quais a veneração dos antepassados (*kou*) e o luxo no culto religioso (*shogon*) se constituíam em méritos (*kuriki*) fundamentais para garantir uma melhor vida depois da morte) e também à necessidade dos religiosos europeus em encontrar maneiras eficientes de fazer proselitismo para converter a população local ao cristianismo (AMARO 2022: 516).

A implementação de grandes estandartes de seda e veludo e de cruzes de ouro e prata, tal como a procura de incluir a maior quantidade possível de pessoas, dava a estes eventos um carácter massivo e profundamente teatral, cuja influência permitia alcançar possíveis novos seguidores, enquanto correspondia diretamente às sensibilidades sociais e religiosas locais (AMARO 2022: 515). Neste sentido, a articulação dos jesuítas com as complexas e rentáveis redes do comércio da Ásia e da América facilitava a confluência “afortunada” entre devoção religiosa e prosperidade económica, o que fazia a mensagem do cristianismo muito mais persuasiva, já que lhe concedia um amplo prestígio social e o reconhecimento das classes ricas de comerciantes e da população em geral, mesmo fora dos círculos propriamente cristãos. Deste modo, embora Nagasaki continuasse sendo uma cidade japonesa, controlada diretamente desde Edo (atual Tóquio) e com uma considerável população de japoneses, coreanos, chineses e pessoas do sudeste asiático não cristãs, o poder e a influência dos cristãos e de sua prática religiosa só cresceram com o tempo (COSTA 2011: 53).

## 5. A procissão do *Corpus Christi*

Neste contexto de predomínio e de fervor religioso, em 1604, 1605 e 1606, o bispo Cerqueira organizou grandes procissões públicas para comemorar a ordenação de novos padres japoneses com missas pontificais solenes como ponto focal (TRONU 2015: 34). Deste modo, como aponta Oliveira e Costa, a procissão do *Corpus Christi* foi permitida pela primeira vez em 1605, despertando grande interesse e ativa participação da população, pois “A place in the procession was much competed among possible participants” (COSTA 2011: 59)<sup>12</sup>. De facto, entre todas as procissões realizadas durante o ano litúrgico, o *Corpus Christi*, representando o triunfo militar e o domínio imperial português, tornou-se num dos principais eventos do ano para a população. Representante do espírito da Contrarreforma e do Concílio de Trento, como observa Beatriz Catão Cruz Santos, o *Corpus* “deveria ser

---

<sup>12</sup> “Um lugar na procissão era muito disputado entre os possíveis participantes”.

[uma] ‘grande’, ‘solene’ e ‘célebre’ procissão” na qual a diferença entre a devoção religiosa e a vontade de domínio da Monarquia portuguesa ficava efetivamente apagada (SANTOS 2005: 34). A celebração representava o triunfo do divino Cristo sobre o pecado e a morte, mas também a vitória terrestre e muitas vezes militar da Igreja e do império da Monarquia Ibérica<sup>13</sup> sobre a heresia (DEAN 1999: 7-8). Por este motivo, o *Corpus* pode ser visto como a afirmação do poder imperial português sobre Nagasaki e os seus habitantes, um testemunho da percepção de supremacia da religião cristã e, também, um sinal dos esforços dos seus missionários por centrar a vida e o espaço urbano em torno do Santíssimo Sacramento.

O *Corpus Christi* funciona, assim mesmo, como uma espécie de espelho divino da hierarquia da sociedade local. Líderes católicos, missionários europeus, e sacerdotes japoneses lideravam a procissão, seguidos pelas autoridades cristãs japonesas, ecoando a ideia duma hierarquia celestial, que transcendia o espaço do terreno. Em Nagasaki, como na Europa e nas colónias espanholas das Américas “...the degree of proximity to the Eucharist symboliz[ed] the degree to which one had risen in society.” (HESSELINK 2016: 163)<sup>14</sup>. Constata-se, então, que o local ideal no *Corpus* era o espaço mais próximo da Hóstia. Entre os administradores locais japoneses que participaram do *Corpus* estavam os chefes (*otona*) dos diferentes bairros (*machi*) da cidade. Além disso, homens religiosos locais, piedosas mulheres japonesas com crucifixos e imagens sagradas e meninos japoneses dançando em estilos regionais e europeus em frente ao sacramento eram frequentemente figuras centrais deste tipo de celebração religiosa (COSTA 2011: 59-60; MATOS 1616: 17).

Aqui, a hierarquia celestial, irradiando da divindade encarnada, carregada sob a custódia da Hóstia, era ecoada pelas hierarquias temporais do comércio e do poder político (DEAN 1999: 12), desde os funcionários mais importantes até aos párias e às prostitutas. De facto, esta hierarquia, central na lógica da procissão, refletia também a hierarquia da cidade, onde os homens poderosos envolvidos em atividades comerciais ficavam próximos do porto, como também do complexo jesuíta, enquanto, longe da luz divina, ficavam os distritos vermelhos de Murayama e Yoriai, os centros de prostituição da cidade. As vidas divina, social e urbana estavam desta forma alinhadas e, mais do que isso, profundamente enraizadas numa compreensão quase cosmológica onde o espaço e a sua experiência se articulavam em torno da realidade da revelação divina na eucaristia. Como espelho profundo, para os fiéis, o corpo de Cristo refletia as ordens terrenas da humanidade e legitimava-as.

<sup>13</sup> Entre 1580 e 1640, as coroas de Espanha e Portugal se unem sob Felipe II, Felipe III e Felipe IV de Espanha.

<sup>14</sup> “... o grau de proximidade com a Eucaristia simbolizava o grau em que alguém havia subido na sociedade”.

Tal como com outras manifestações religiosas, no *Corpus*, a inserção dos símbolos da religião cristã no espaço poderia interpretar-se como uma afirmação da supremacia e do domínio do cristianismo sobre o território e a população. Um exemplo muito ilustrativo da lógica subjacente neste tipo de práticas processionais pode ser a utilização de cruzes para marcar espaços sob o controlo cristão ou dentro das ambições cristãs. A construção de cruzes em locais públicos assinalava a presença cristã e a pretensão de domínio sobre territórios específicos; especialmente nos casos em que não era possível construir uma igreja em lugares percebidos como próprios ou mesmo sagrados. Seguindo as técnicas japonesas de talha e laca em madeira, estas cruzes estavam presentes nas comunidades cristãs e manifestavam a vontade de articular a vida e o movimento local em torno do culto católico (AMARO 2022: 517-518).

De facto, a afirmação da supremacia religiosa no *Corpus*, de maneira semelhante ao que acontece com estas cruzes, pode ser lida quase como uma síntese das muitas outras práticas que afirmam o predomínio católico sobre o espaço urbano: desde o desenvolvimento das instituições religiosas já mencionadas (paróquias, confrarias, hospitais, seminário, etc.) até a construção de igrejas e de outros edifícios para o culto e vida devocional católica, assim com a utilização de estruturas próprias da administração local para fins religiosos. O gesto de agregar e articular a vida em torno da prática processional do *Corpus* manifesta, em muitos sentidos, a mesma vontade de influência sobre a população que permite a organização da maioria das manifestações da vida urbana ao redor da prática católica.

Neste sentido, a festa em torno do corpo de Cristo emerge como uma prática que, além de simplesmente simbolizar ou refletir a ordem na cidade, apresenta-a e (re)presenta-a como uma realidade viva e em movimento, ou seja, torna-a numa realidade ativa no centro do espaço urbano (com a confluência nas ruas da cidade de toda a população e das instituições que a organizam). Assim como o corpo de Cristo se transmuta na hóstia, a cidade, que orbita ao redor da sua divindade, se transmuta por sua vez numa procissão que é símbolo, mas que, como sucede no mistério da transubstanciação divina, é mesmo realidade: uma espécie de manifestação sacramental “inversa”, onde as ordens temporais se manifestam por meio dos significantes eternos da divindade e da prática religiosa.

Ainda mais, e seguindo esta linha de raciocínio, a operação quase sacramental que caracteriza tanto o *Corpus* quanto procissões semelhantes, em Nagasaki, não se limita unicamente à participação ativa da população e da articulação das complexas redes de sociabilidade local, indo mais além, pois,

num sentido ainda mais fundamental, a cidade, as suas ruas, os seus edifícios, os seus focos de atividade, tudo surge, se articula e se desenvolve, em certo sentido, a partir das procissões: a cidade nasce e cresce ao redor da prática processional cristã. De facto, e seguindo a hipótese de Vieira Amaro, as primeiras procissões na cidade aparecem logo em 1571, pouco depois da sua fundação, cobrindo a rota entre o complexo jesuíta, perto das docas e o comércio, e o cemitério de “Cruz-machi”, no local da futura igreja de Santo Domingo (AMARO 2022: 526). Já no final do período cristão, essa via processional converte-se no eixo central da vida urbana e na rota principal para as procissões mais importantes do calendário litúrgico (AMARO 2022: 526).

Literalmente, novas ruas, edifícios e comunidades crescem em torno desta rota, incluindo as igrejas mais importantes de Nagasaki: a cidade inteira é desenvolvida, então, seguindo esta e outras rotas que aparecem progressivamente com a evolução da vida litúrgica local<sup>15</sup>. Obedecendo à localização dos lugares sagrados como o cemitério, as igrejas, os espaços de martírio e as muitas cruzes do espaço urbano, as rotas traçam, na sua trajetória, as formas e as manifestações da vida individual e comunitária de Nagasaki: como no sacramento, “manifestam” e dão vida e realidade às muitas facetas do espaço urbano.

Em 1614, toda a cidade era um estrado para a vida litúrgica e existia uma robusta rede de rotas processionais utilizadas pelas diferentes ordens, confrarias e organizações piedosas (AMARO 2022: 526-528). Além disso, Vieira Amaro sustenta que, mesmo após o desaparecimento da cristandade em Nagasaki, é possível identificar estas rotas como vias articuladoras da vida urbana e, inclusive, das práticas religiosas (e processionais) que substituíram as festas cristãs no período pós-cristão (AMARO 2022: 529-530). É bem possível dizer, então, que a cidade se desenvolve em torno destas rotas processionais e, mais especificamente, que a prática do *Corpus Christi* se posiciona como um ponto focal que não somente representa, simboliza ou significa a cidade, mas num sentido mais fundamental, fá-la convergir, desdobrando-a como realidade (e até lhe dando origem): dando forma ao espaço e articulando a vida religiosa, política e económica em torno de significantes e sagrados lugares cristãos.

Porém, todas as procissões católicas pararam com a expulsão dos missionários europeus, a destruição das igrejas católicas e a apropriação (ou dessa-

---

<sup>15</sup> Como o estuda Vieira Amaro, as procissões conectavam a Catedral (e o colégio dos jesuítas) ao cemitério de Cruz-Machi, ao edifício da Misericórdia, e ao cemitério de Tateyama (entre outros centros de culto), criando um importante eixo de prática devocional e vida urbana (AMARO 2022: 526-528). Com a construção de igrejas franciscanas, dominicanas e agostinianas, outras rotas processionais apareceram na periferia da cidade, articulando novos centros de culto.

cralização) dos espaços e edifícios cristãos, em 1614. Ao saber da notícia do desterro dos religiosos e da proibição do cristianismo, a população local participou massivamente em procissões penitenciais, pedindo a Deus a sua libertação, realizando várias penitências na esperança de que as suas ações influenciassem a vontade divina e levassem as autoridades a reconsiderarem a sua decisão (MATOS 1616: 75). As manifestações cristãs foram acompanhadas por oficiais japoneses, como o *daikan* Murayama Toan<sup>16</sup>, a sua mulher e os seus filhos, que participaram com o resto da população, carregando grandes cruzeiros, descalços, cobertos de sangue e portando coroas de espinhos (Ávila Girón, *Relaçion* 192).

O último *Corpus* registado, em 1614, limitava-se ao complexo jesuíta de Hirado (acabando efetivamente com o controlo religioso cristão sobre a paisagem urbana). As igrejas foram destruídas ou reaproveitadas como templos budistas, prisões ou prédios do governo, e os novos administradores de Nagasaki ocuparam o centro da cidade, recebendo instruções diretas de Edo<sup>17</sup>. Grande parte da população permaneceu cristã, incluindo alguns dos japoneses mais poderosos da cidade, chefes de distrito, comerciantes e administradores locais, assim como algumas comunidades cristãs coreanas e chinesas, mas a “Nagasaki litúrgica” chegou ao seu fim e o governo xogunal garantiu que qualquer vestígio de cristianismo fosse eliminado do país, no final do século.

## 6. Políticas anticristãs japonesas

Após a Rebelião de Shimabara, em 1638, o governo japonês implementou uma política de intolerância em relação ao cristianismo, banindo todos os europeus, exceto os holandeses, interessados somente no comércio. O projeto de eliminar o cristianismo no Japão envolveu a destruição de locais de culto e igrejas cristãs, que foram rapidamente substituídos por templos budistas e, em menor grau, por santuários xintoístas (TRONU 2021: 50). Portanto, se as práticas religiosas cristãs estavam organizadas em torno de redes locais de sociabilidade comunal como as confrarias, as paróquias e outras organizações piedosas, o governo xogunal decidiu adotar uma política de articulação da população local em torno de um novo sistema de templos budistas (TRONU 2021: 53).

---

<sup>16</sup> Com a perseguição de Hideyoshi e a instituição dum sistema de controlo direito desde Edo, foram criadas as posições de magistrado (*bugyo*) e de administrador (*daikan*) como representantes do poder xogunal sobre os chefes dos bairros no centro (*uchimachi*) e na periferia (*sotomachi*) de Nagasaki (TRONU 2021: 84).

<sup>17</sup> Posteriormente, os edifícios administrativos seriam trasladados para as periferias de Nagasaki (ver Tronu 2021: 49).

Este processo, de natureza progressiva, colocou diretamente as comunidades de Nagasaki (e de outros domínios) sob o controlo e a supervisão dos templos locais para garantir a não-cristandade da população local. Ora, se os cristãos estiveram organizados por paróquias e igrejas, após a destruição dos lugares de culto católico, a dessacralização dos enterramentos cristãos e o desmantelamento das instituições laicas e religiosas da cidade, o governo central buscou fundar templos budistas para ocupar os lugares sagrados dominados previamente pelo cristianismo e agrupar a população em torno de unidades espaciais e comunais definidas sob o seu controlo (TRONU 2021: 50; HUR 2021: 21). Neste sentido, estes templos funcionaram como um dos focos fundamentais para o controlo, a regulação e a organização da população em torno do poder xogunal.

De maneira semelhante ao que se passava no período cristão, esta nova rede de centros de culto estruturou-se em paralelo com as hierarquias civis, os *otona* dos bairros e os tecidos de sociabilidade familiar locais. Todos os habitantes da cidade eram obrigados a registar-se no templo local e, posteriormente, a serem certificados como não cristãos. Este era um processo duplo que implicava o registo censitário da população pelos *otona* de cada bairro (*machi*) e a posterior certificação do templo local por meio de um selo oficial (HUR 2021: 25-26). Os originais destes documentos eram enviados a Edo e as cópias ficavam no registo local: todo o processo se repetia cada ano e assegurava a homogeneidade social e a conformidade com o governo central.

Num primeiro momento, somente os que tinham sido cristãos eram obrigados a completar este processo, mas na segunda metade do século XVII, a associação a um templo e a certificação de não-cristandade adquiriram uma natureza obrigatória em todo o país e tornou-se praticamente impossível viver no Japão sem estar inscrito num templo local (HUR 2021: 27). Desta forma, e seguindo a Hur, é possível identificar como o sistema muda no tempo para satisfazer as ambições de controlo e de centralização do poder do governo xogunal, mesmo após a quase completa erradicação do cristianismo (HUR 2021: 27-29). O sistema, que surge para contrapor-se a uma percebida anomia religiosa, transforma-se, eventualmente, numa operação censitária inteiramente burocrática.

No entanto, no século XVII, nas primeiras décadas após a proibição do cristianismo, o propósito político destas medidas era inseparável da sua natureza religiosa: eram parte duma mesma ofensiva que se apresentava sob formas diferentes em diferentes regiões. Então, enquanto no resto do país o governo xogunal limitava o poder e a expansão das instituições religiosas japonesas (e especialmente de certas seitas do budismo, como os *ikko*); em

Nagasaki, a evangelização budista tornou-se progressivamente numa das pedras angulares da política xogunal (HUR 2021: 25). Monges foram enviados à cidade para pregar e fazer proselitismo, e os ritos funerários que até então tinham sido realizados por igrejas cristãs passaram a estar sob a jurisdição direta do clero budista, com o qual os cemitérios foram re-sacralizados, conforme a tradição budista.

Novamente, o temporal e o espiritual convergiram, mas vida e morte passaram das mãos das igrejas para as dos templos budistas. De facto, na segunda metade do século, Nagasaki tinha uma presença *per capita* de templos budistas muito superior à média de todo Japão e, enquanto estas instituições religiosas sofriam restrições pelo governo, noutras regiões, os monges puderam fundar novos templos na cidade e ensinar as suas doutrinas livremente, como no caso do *Daionji* (TRONU 2021: 50, 54). Ao mesmo tempo, como já mencionado, as estruturas civis que tinham servido para garantir a cristandade dos indivíduos, as famílias e os bairros, agora certificavam a não cristandade dos mesmos indivíduos, muitas vezes, com a participação de apóstatas ex-cristãos. A vida quotidiana rearticulou-se efetivamente em torno de uma devoção e duma lógica associada às religiões locais.

Da mesma maneira, e em paralelo aos desenvolvimentos do budismo, os santuários xintoístas contribuíram para os objetivos do governo xogunal, organizando os cidadãos em torno de festividades, como o festival do santuário de Suwa, também conhecido como *Okunchi*, em Nagasaki, uma prática religiosa que substituiu a função do *Corpus* como eixo de agregação e articulação da população local. De maneira similar ao que acontecia com o registo budista, os habitantes da cidade eram organizados espacialmente, já não por templo, mas por seus *machi*, e eram obrigados a participar no festival todos os anos como espectadores, organizadores ou artistas. Um pouco como as confrarias ou as ordens do período cristão (onde diferentes organizações religiosas faziam diferentes procissões), as divisões espaciais dos *machi* refletiam-se na vida litúrgica e, neste caso, na realização de uma grande procissão religiosa que atravessava a via central da cidade (como no *Corpus*) desde o porto, passando pelo antigo bairro de Cruz-*machi* até o santuário de Suwa, no monte Tateyama.

## 7. O festival do santuário de Suwa

Criado em 1634, o festival de Suwa recriava a lendária invasão da Coreia pela Imperatriz Jingu, o que, para Hesselink, parece ser uma indicação de que

as autoridades japonesas consideravam Nagasaki quase como uma terra a ser (re)tomada (HESSELINK 2016: 165). Na celebração religiosa xintoísta, os símbolos militares utilizados na reencenação da conquista mítica da Coreia criam um forte paralelo com o presente. Assim, o antigo gesto de controlo de terras estrangeiras atua como um evento fundacional que dá sentido e legitimidade ao esforço de expulsar os europeus e “recuperar” Nagasaki. Antes da fundação da cidade, não havia mais do que alguns santuários na região, que foram rapidamente destruídos ou reaproveitados por missionários cristãos; entre eles, uma versão anterior do santuário de *Suwa* (TRONU 2021: 52). Após o fim da era cristã, em Nagasaki, houve uma necessidade de reclamar aquele território; uma necessidade que, talvez, excedesse os objetivos políticos do xogunato ou, mais exatamente, os complementasse.

*Matsuri* ou os festivais japoneses representam, justamente, um movimento de retorno à ordem após o caos, de reconfiguração, reapropriação e reconsecração do mundo, que muitas vezes reflete os movimentos políticos do espaço temporal (PLUTSCHOW 1996: 23). A unificação do reino, a expulsão dos cristãos e o restabelecimento do equilíbrio desejado podem não ter sido vistos pelos participantes como meros objetivos políticos, correspondentes a uma necessidade pragmática, mas como movimentos de profundo significado cosmológico que refletiam o retorno à ordem e a remoção duma poluição. Num *matsuri*, como a festa de Suwa, à semelhança do que acontecia com a procissão do *Corpus*, as vicissitudes das esferas política, económica e social estavam intimamente ligadas ao religioso como parte de uma única realidade.

Realmente, o Suwa recorre a padrões muito semelhantes de organização, articulação e controlo da população e do espaço que o *Corpus*, mas utilizá-los para contrariar os objetivos ideológicos e a mensagem religiosa, política e social da celebração cristã. Como no *Corpus*, é possível perceber na procissão de *Suwa* uma espécie de movimento especular em relação à sociedade. A ordem da procissão fala diretamente de uma vontade de manter a ordem no mundo, com a qual os membros principais da comunidade encabeçam a prática processional, num intento de refletir “... the traditional social order which, by meeting the deity face-to-face the community desires to affirm” (PLUTSCHOW 1996: 49)<sup>18</sup>. O ritual religioso, porém, não se limita à representação, articulação e manifestação de uma hierarquia supraterrânea. Mesmo que as ordens terrenas da cidade e da sociedade estejam presentes na festa (desde ricos mercadores até camponeses e curiosos casuais), o centro do ritual gira, precisamente, em torno de uma tensão entre esta ordem e o caos, o qual é

<sup>18</sup> “... a procissão reflete a ordem social tradicional que, ao enfrentar a divindade cara a cara, a comunidade deseja afirmar”.

percebido como uma característica quase fundacional; algo que foi estabelecido *in illo tempore*, mas que continua a exercer um forte efeito no presente (PLUTSCHOW 1996: 27).

O festival representa, então, um movimento geral de re-articulação da vida da cidade em torno de um novo eixo simbólico e sacral, assim como a procura da (re)apresentação de uma ordem transgredida e restabelecida no domínio do económico e do político. E, precisamente, esta representação inscreve-se no espaço por meio de uma prática processional que se posiciona no centro da vida urbana e que manifesta, de maneira prática e real, o gesto simbólico do *matsuri*: o reordenamento do mundo de acordo com a vontade das divindades e os costumes locais. Neste caso, no entanto, este reordenamento sucede, como num palimpsesto, sobre as marcas (compreensíveis para a população previamente cristianizada) das práticas religiosas processionais cristãs.

Na verdade, a procissão parece percorrer a mesma rota central desde o porto, no lugar do antigo complexo jesuíta que atravessa o bairro de Cruz-*machi*, até chegar ao santuário de Suwa, muito perto do antigo cemitério cristão do monte Tateyama (AMARO 2022: 530). Aqui, se bem que os espaços sagrados e a rota processional não mudem, nem mudem muitas das estruturas da administração civil ou do poder económico que se articulam na procissão (quase como coordenadas que se mantêm no tempo e no espaço), a maneira como estes elementos são entendidos e a prática religiosa que os articula tentam ser transformados radicalmente sob uma lógica religiosa xintoísta. Como na toma política da cidade, no espaço ritual, os mesmos elementos adquirem uma ordem diferente e, portanto, o seu significado e o seu valor simbólico mudam.

## **8. A marca cristã na nova vida litúrgica de Nagasaki**

Isto fica particularmente claro nas representações visuais do *Suwa*, retratado em biombos da segunda metade do século XVII e primeiros anos do século XVIII. Atualmente, apenas quatro dessas tábuas sobrevivem e a única análise profunda e minuciosa de uma delas tem sido realizada no ensaio de Reinier Hesselink, “The Two Faces of Nagasaki”. Com estas representações como uma guia, é possível imaginar como os profundos princípios religiosos de mudança e ordem se manifestam nas arenas política, económica e social. Os espetadores do evento, localizados bem no centro do biombo, são comerciantes japoneses, representantes do governo central, administradores locais

e comerciantes estrangeiros, holandeses e chineses. E, tal como no *Corpus*, os principais ocupam as melhores posições para o espetáculo e representam performativamente os escalões superiores da ordem social dentro da cidade. Todos contemplam uma dança ritual que, figurativa e simbolicamente, está bem no centro da representação do festival e simboliza o momento que é, talvez, o mais crucial da festividade: o apaziguamento (*kami-asobi*) das divindades do templo para criar uma nova ordem, um novo equilíbrio espiritual e terrestre. Neste ponto do festival, as executoras da dança cerimonial não são outras que as prostitutas (*yūjo*) da cidade.

Mostra-se aqui uma alteração fundamental da ordem hierárquica anterior, colocando os marginalizados da antiga sociedade cristã bem no centro do cortejo xintoísta, não apenas como espectadores ou participantes médios, mas como protagonistas centrais do ritual que origina a mudança no mundo e restaura a ordem. Mesmo se o ritual xintoísta procura restabelecer a ordem social, e reflete essa ordem desejada na prática processional, um dos elementos centrais no *matsuri* é a ideia da homogeneidade social, de natureza fundamental na hora de revitalizar a sociedade. Efetivamente, indivíduos de classe baixa, meninos, mulheres, e até mesmo grupos marginalizados frequentemente ocupam posições centrais nos festivais xintoístas (PLUTSCHOW 1996: 46), representando a nivelção da comunidade ao encontrar-se com as divindades.

Desta forma, no momento central do ritual de Suwa, as prostitutas da cidade ocupam um rol ambivalente. Por um lado, representam, ante os deuses, uma sociedade equalizada e homogeneizada, por outro, a sua dança é fundamental para (re)construir e reafirmar a ordem social e as hierarquias tradicionais. Embora as prostitutas (e os donos dos bordéis) não ocupem o topo da ordem social, ou uma posição completamente privilegiada ou reconhecida na esfera urbana, com a sua participação no momento central do *matsuri* e com sua representação da comunidade, passam a ser reconhecidas como parte integral do tecido social.

Além do mais, esta inserção não é apenas de natureza periférica ou unicamente simbólica ou restringida ao tempo do festival, pelo contrário, após o fim do cristianismo, o comércio ligado à prostituição alcança nova importância na vida urbana de Nagasaki, com o apoio direto do governo do xogum (HESSELINK 2004: 189). Como assinala Hesselink, a centralidade dos donos dos bordéis e a nova importância dos distritos de prostituição de Murayama e Yoriai ficam claras pela centralidade da atuação das cortesãs, mas também pela preeminência destes bairros no financiamento das muito onerosas procissões de Suwa e sua obrigatória participação anual como organizadores,

um facto excecional entre os bairros de Nagasaki (HESSELINK 2004: 208). Tal como acontecia com o *Corpus*, a prática religiosa no *matsuri* não se limita apenas ao domínio do simbólico, mas reflete, na verdade, uma re-ordenação da cidade, longe das estruturas sociais que sustentavam o poder jesuíta, antes de 1614. Contudo, a íntima ligação entre estes bairros e a prática ritual associada ao festival xintoísta assinala uma forte mudança na representação e na conceção das ordens sociais e económicas locais e, também, uma subversão direta das hierarquias do período cristão.

A vida religiosa parece centrar-se em torno de uma nova prática espiritual significativa que, tal como acontecia com as procissões católicas do início do século XVII, está profundamente ligada às realidades sociais e económicas do espaço urbano. Na realidade, enquanto as classes dominantes tradicionais, agora descristianizadas, continuam a manter o poder e a influência, com novos administradores xogunais acima delas, novos atores económicos influentes e ricos ocupam uma posição central na vida da cidade. E, se a cidade cristã se estruturava de Hirado para fora, agora esta nova Nagasaki parece deslocar o seu centro das docas e voltar-se para as vibrantes ruas da periferia urbana, em direção a novos e múltiplos centros urbanos. Na segunda metade do século XVII, após um grande incêndio em Hirado, os prédios administrativos são removidos do centro e, efetivamente, os focos de poder parecem deslocar-se para os arredores da cidade, com a maioria dos templos budistas, santuários xintoístas, centros administrativos, edifícios e bairros de prostituição, ficando fora dos antigos núcleos jesuítas de poder (TRONU 2021: 49).

## Conclusão

Em suma, as procissões de *Corpus Christi* e *Suwa*, em Nagasaki, articulam estruturas económicas, sociais e políticas locais, e integram-nas nas suas lógicas religiosas e objetivos espirituais. Argumentamos que, mesmo que ambas as práticas processionais recorram a formas análogas de organização e articulação do espaço e da população, o *Suwa* efetivamente subverte a visão da sociedade presente no *Corpus* ao afirmar o (re)estabelecimento de uma ordem apercebida como própria do Japão, e contraposta a qualquer influência estrangeira. No *Corpus*, a devoção estruturada em torno da eucaristia refletia uma visão fortemente hierárquica do cristianismo e projetava a vontade de poder e influência da Companhia de Jesus sobre a população e o espaço urbano. Em contraste, o festival pós-cristão de *Suwa*, quase como uma resposta direta à prática cristã, visava restaurar uma ordem, ao mesmo tempo

que refletia as mudanças que as autoridades japonesas pretendiam efetuar nas esferas social, económica, política e urbana, após a expulsão dos cristãos. As comunidades marginalizadas na era cristã tornaram-se o centro das festividades religiosas e da vida económica, enquanto os centros urbanos de poder se afastaram do centro da cidade em direção aos seus limites, descentralizando efetivamente a vida de Nagasaki de seus pontos focais políticos, económicos e espirituais anteriores.

## Bibliografia

- AGI, Filipinas 27, N107. “Martín Castaño sobre el papel de las Filipinas en la evangelización de Japón. 12 de diciembre 1618”.
- AMARO, Bébio Vieira (2022). “Christian Cemeteries in Early Modern Japan”, in *East Asian Architecture in Globalization: Values, Inheritance and Dissemination*. Springer Nature, 514-533.
- ALVAREZ-TALADRIZ, José Luis (1954). “Introducción”. *Sumario de las cosas de Japón*. Tokyo: Sophia University.
- ÁVILA GIRÓN, Bernardino (1615). *Relaçion del Reyno del Nippon a que llama corrupta mente Jappon*. Biblioteca San Lorenzo El Escorial, España. ms O. III. 19.
- COSTA, João Paulo Oliveira e (2007). “The Brotherhoods (Confrarias) and Lay Support for the Early Christian Church in Japan”. *Japanese Journal of Religious Studies*, 34, 1, Christians in Japan, 67-84.
- COSTA, João Paulo Oliveira e (2011). “A Christian Port in the Land of the Rising Sun”, in *Reinterpreting Indian Ocean Worlds: Essays in Honour of Kirti N. Chaudhuri*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 51-61.
- DEAN, Carolyn J (1999). “Corpus Christi Triumphant”. *Inka Bodies and the Body of Christ: Corpus Christi in Colonial Cuzco*. Duke University Press, 7-22.
- ELISON, George (1973). *Deus Destroyed: The Image of Christianity in Early Modern Japan*. Cambridge: Harvard University Press.
- GUNN, Geoffrey C (2018). *World Trade Systems of the East and West*. Leiden: Brill.
- HESSELINK, Reinier H. (2009). “An Anti-Christian Register From Nagasaki”. *Bulletin of Portuguese - Japanese Studies*, junio-diciembre, 18-19, 9-66.
- HESSELINK, Reinier H. (2016). *The Dream of Christian Nagasaki: World Trade and the Clash of Cultures, 1560-1640*. Jefferson: McFarland & Company.

- HESSELINK, Reinier H. (2004). “The Two Faces of Nagasaki: The World of the Suwa Festival Screen”. *Monumenta Nipponica*, Summer, 59, 2, 179-222.
- HUR, Nam-lin (2021). “Anti-Christian Certification (*terakue*) in Early Modern Japan: Establishment, Practice, and Challenges”. *Religion, Power, and the Rise of Shinto in Early Modern Japan*. London: Bloomsbury Academic, 21-32.
- MATOS, Gabriel de (1616). *Relaçam da perseguiçam que teve a christiandade de Iapam desde mayo de 1612 até novembro de 1614*. Lisboa: Oficina de Pedro Crasbeeck.
- PLUTSCHOW, Herbert (1996). *Matsuri: The Festivals of Japan*. Japan Library.
- SANTOS, Beatriz Catão Cruz (2005). *O corpo de Deus na América: a festa de Corpus Christi nas cidades da América Portuguesa – Século XVIII*. São Paulo: Annablume.
- TRONU, Carla (2015). “The Rivalry between the Society of Jesus and the Mendicant Orders in Early Modern Nagasaki”. *Agora: Journal of International Center for Regional Studies*, 12, 25-39.
- TRONU, Carla (2020). “The post-Tridentine parish system in the port city of Nagasaki”, in *Catholic Missionaries in Early Modern Asia: Patterns of Localization*. Routledge, 82-95.
- TRONU, Carla (2021). “Anti-Christian Measures in Nagasaki During Early Edo Period (1614-1644)”, in *Religion, Power, and the Rise of Shinto in Early Modern Japan*. London: Bloomsbury Academic, 47-60.
- VALERIO, Miguel (2022). *Sovereign Joy: Afro-Mexican Kings and Queens, 1539-1640*. Cambridge University Press.
- VOIGT, Lisa (2016). *Spectacular Wealth: The Festivals of Colonial South American Mining Towns*. University of Texas Press.
- WARD, Haruko Nawata (2020). “Women, households, and the transformation of Christianity into the Kirishitan religion”, in *Catholic Missionaries in Early Modern Asia: Patterns of Localization*. Routledge, 174-189.